

DILTHEY, HISTORICIDADE E PLURALIDADE¹

Dilthey, historicity and plurality

Celso Reni Braida²

RESUMO

As teses de Dilthey sobre a especificidade das ciências humanas permanecem fazendo efeitos e orientando as questões metodológicas. Se o viés epistemológico, sobretudo nos aspectos historicistas e psicológicos, já não é aceitável, nem por isso a distinção entre explicar relações causais e materiais e compreender relações semânticas e sociais foi eliminada. A historicidade e a artefactualidade do ambiente humano, na sua pluralidade e diversidade, se impôs como fundamento incontornável. Embora se tenha avançado na naturalização do humano, os conceitos e princípios básicos das ciências humanas ainda são subsumidos nas categorias de sentido, significado, intencionalidade e propósito, as quais pressupõem a aplicação do conceito de agentes interativos e não de objetos passivos.

Palavras-chave: Dilthey, artefactualidade, historicidade, pluralismo, humanidade

ABSTRACT

Dilthey's theses on the specificity of the human sciences continue to have effects and guide methodological issues. If the epistemological bias, especially in the historicist and psychological aspects, is no longer acceptable, this does not mean that the distinction between explaining causal and material relations and understanding semantic and social relations has not been eliminated. The historicity and artifactuality of the human environment, in its plurality and diversity, has become an unavoidable foundation. Although there has been progress in the naturalization of the human, the concepts and basic principles of the human sciences are still subsumed in the categories of sense, meaning, intentionality and purpose, which presuppose the application of the concept of interactive agents and not of passive objects.

Key-words: Dilthey, artifactuality, historicity, pluralism, humanity

Onde quer que a vida existiu e chegou à compreensão, há história. E onde há história, há sentido na sua multiplicidade (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 255).

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.258419>

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: crbraid@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0377-3987>.

Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911), filósofo, sociólogo e historiador alemão, construiu ao longo de uma frutífera carreira docente uma obra que moldou a compreensão das ciências humanas e da própria filosofia no século XX. Com efeito, as obras *Introdução às Ciências do Espírito* (1883), *Ideias para uma Psicologia Analítica e Descritiva* (1894), *A construção do mundo histórico nas Ciências Humanas* (1910), *Os tipos de concepção de mundo e seu desenvolvimento nos sistemas metafísicos* (1911), além de uma série de obras de historiografia, estabelecem de modo incontornável a autonomia das ciências humanas, quanto ao método e quanto ao objeto, modo esse que ainda hoje se reflete na concepção e na organização dos currículos universitários e na justificação de teorias e domínios de conhecimentos. Nessas obras, os conceitos de historicidade e de compreensão, assim como a distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito, são introduzidos e mobilizados para uma reflexão histórica, sociológica e epistemológica, incluindo a própria filosofia, orientada para o reconhecimento da incontornável pluralidade e diversidade da vida e da existência humana. Os posicionamentos teóricos e públicos de Dilthey tiveram forte recepção e polêmica, isso se refletindo nas discussões de suas teorias e posições nas obras de vários autores do século XX, como é o caso de Edmund Husserl, Max Weber, Martin Heidegger, Herbert Marcuse, Hans-Georg Gadamer, Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas, para citar apenas alguns.

O cerne conceitual de sua obra está na articulação teórica da distinção e autonomização das ciências humanas tais como a História, a Sociologia, a Psicologia, mas também as assim chamadas Humanidades e Artes. Na sua concepção, as ciências da natureza estão unificadas pela busca de explicações dos fenômenos em termos de leis causais e mecanismos materiais, enquanto as ciências humanas, ou ciências do espírito, estariam antes orientadas pelo objetivo de propiciar uma compreensão das conexões estruturantes que perfazem a vida histórica das comunidades e individualidades culturais. O propósito inicial de Dilthey era expandir o projeto crítico de Kant de modo a poder incluir também a razão histórica e concreta, para apreender teoricamente as dimensões culturais e existenciais, ou seja, a dimensão de sentido e valor da realidade humana efetiva. Esta expansão foi elaborada com conceitos relacionados à consciência histórica, simbólica e

interpretativa, portanto, hermenêutica, com a introdução de categorias como contexto, sentido, valor e propósito, as quais estão fundadas na agência efetiva e vida mental de um agente social historicamente localizado. Embora seja pouco notado, o conceito-chave que indica o objeto de análise e teorização não é a vida mental, o intelecto conceitual ou a consciência linguística, mas a vida ativa, que está na base das formações históricas, sociais e culturais (DILTHEY, 1957/GS V, p. 265; 1927/GS VII, p. 87; BOLLNOW, 1967, p. 20), ou seja, o objeto de estudo são as exterioridades e as realizações de agentes individuais e coletivos.

O estudo do sujeito pensante e suas representações e estados mentais, bem como a descrição acurada das estruturas lógicas dessas representações, é substituído pelo estudo das formações e produtos da efetividade da atuação de agentes ativos na forma de ações, obras e alterações no ambiente, os quais perfazem o mundo objetivo no qual esses próprios agentes vem a ser o que são. A superação do “eu como sujeito pensante” (DILTHEY, 1957/GS V, p. LVH) em favor do eu como sujeito histórico e social, temporal e culturalmente marcado, em favor, portanto, dos agentes vivos tomados como totalidades biológicas, psíquicas, sociais e históricas, ou seja, a transição metodológica do conceito de sujeito consciente para o conceito de existência ou vida concreta (1977/GS VIII, p. 141), tem seu prumo fixado pela introdução de um conceito proveniente da priorização da existência fática, prática e agentiva de agentes que se diferenciam em relação aos objetos naturais justamente por sua agência efetiva. As categorias das ciências humanas, naquilo em que seu objeto se diferencia das entidades naturais, apreendem “relações próprias ao agir e ao sofrer os efeitos do agir, à ação e à reação” (DILTHEY, 2010, p. 175).

A posição de Dilthey pode ser descrita como realista, naturalista e empiricista, pois suas abordagens descartavam de saída toda e qualquer explicação metafísica ou apriorista, concentrando-se na descrição acurada das situações concretas e dos contextos históricos de um fenômeno. Nesta descrição, no caso das ciências humanas, para além das relações causais, que de modo algum são eliminadas, Dilthey defendeu que era necessário incluir relações de significação e valoração, incluindo também as perspectivas e vivências individuais e subjetivas temporais, cuja marca é a

contingencialidade. A própria filosofia era por ele praticada como uma consideração articuladora das disciplinas teóricas e das práticas históricas na busca incessante e interminável de apreender o sentido das experiências e a estruturalidade dos eventos mundanos. Ainda jovem, Dilthey caracterizou a filosofia como uma “*ciência experimental dos fenômenos espirituais*” (1924/GS. V, p. 27) e na sua maturidade se referia à atividade filosófica com a palavra alemã “*Besinnung*” que tanto indica a reflexão teórica quanto a orientação prática reflexiva no plano dos sentidos e significados.

A DELIMITAÇÃO TEÓRICA DAS CIÊNCIAS HUMANAS

O século XIX foi o período do estabelecimento e da independência das ciências empíricas e experimentais. A Física e a Química fixaram o modelo de cientificidade, ao combinarem o controle experimental com o rigor teórico na formulação de explicações e na apuração dos dados e objetos; por outro lado, as transformações nas Matemáticas e Lógicas, tendo no seu cerne o conceito de rigor formal e de objetividade na delimitação das inferências e demonstrações, fixaram o modelo teórico e acadêmico para a validação de pretensões de conhecimento em qualquer campo objetivo. Na base dos debates estava a questão da fundamentação, delimitação e justificação dos conceitos e proposições básicas de um campo de conhecimento. Aritmética, Geometria, Biologia, Química e Física tiveram suas bases epistemológicas, relativas tanto à descoberta quanto à justificação, inteiramente reformuladas por uma clara orientação materialista e naturalista. Porém, a situação das então denominadas em inglês “*moral sciences*”, em alemão “*Geisteswissenschaften*”, ciências do espírito, tais como História, Economia Política, Psicologia, Linguística e Sociologia, era de certo modo caótica, com distinções e aglutinações arbitrárias, seja por influência das religiões, seja por serem questionadas quanto à própria cientificidade e objetividade de suas teorias e proposições, sobretudo em função da dificuldade de se aplicar nesse domínio relações causais nomológicas invariantes.

Na obra *Introdução às Ciências do Espírito*, de 1883, a primeira obra teórica de Dilthey, ele buscou estabelecer uma delimitação e uma justificação apropriadas ao campo que hoje denominamos “ciências humanas”.

Em franco desacordo com o consenso positivista da época, Dilthey recusará o modelo de justificação e articulação dessas ciências em termos lógicos, como era o caso em J. S. Mill e A. Comte, propondo uma consideração reflexiva que incluía a gênese histórica desses saberes (DILTHEY, 1990/GS I, pp. 26-27). Com efeito, a consideração por ele proposta articulava três momentos: (i) o *epistemológico*, que estuda o escopo e os limites do conhecimento das diferentes ciências, (ii) o *psicológico*, que estuda os sujeitos portadores da vida social e histórica que constroem esses conhecimentos, e (iii) o *histórico*, pois esses sujeitos são essencialmente seres temporais cuja autoconsciência tem sempre uma conformação historicamente localizada (NELSON, 2007, p. 135). Este modelo de teorização determinava e pressupunha uma diferença irreduzível entre as ciências naturais e as ciências humanas. Com efeito, para Dilthey as ciências humanas contêm proposições descritivas e históricas, incluem juízos avaliativos e regras práticas, e suas generalizações teóricas são sempre parciais. Diferentemente do caso das ciências da natureza, cujas proposições teóricas estão relacionadas à objetividade da pesquisa, no caso das ciências humanas as proposições teóricas e descritivas teriam um aspecto normativo inextirpável. Outro aspecto diferenciador está no fato de que no caso das ciências humanas as individualidades são insubstituíveis, o que implica a limitação da objetividade das generalizações teóricas.

Esta distinção, Dilthey a refletiu nas categorias da razão histórica, as quais, por serem alcançadas por indução e comparação dos dados e fatos sempre particulares, embora proporcionem conhecimentos objetivos, seriam incapazes de fornecer aquela base pretendida pelos métodos idealistas e transcendentais. A separação entre a esfera ideal-transcendental e a esfera empírico-material, entre o universal e o particular, já não seria operante e menos ainda operacionalizável. As categorias de base, que orientarão o inteiro pensamento de Dilthey, são vida ativa (*Leben*) e história (*Geschichte*), as quais indicam o fundamento plural e semovente das formações culturais e também das abstrações teóricas das filosofias e das ciências, bem como das doutrinas religiosas. O indivíduo e a inteira humanidade são aspectos da natureza e a vida histórica é parte da vida natural, as quais se dão sempre como pluralidade e diversidade. “*Nós mesmos somos a natureza, e a natureza tra-*

balha em nós” (DILTHEY, 1927/GS 7, p. 80). Esse trabalho da natureza opera como “conexão e estruturação mental, a conexão adquirida da vida da mente, e trabalha constantemente em nós, sempre atuante sem ser consciente” (Idem). Não se trata, portanto, de uma separação substancial, pois a humanidade emerge da natureza, dela depende e nela apenas pode existir. Dilthey utiliza o termo “*Leben*”, vida, para indicar o seu ponto de partida e de chegada, indicando assim esta não-cisão entre natureza e humano:

A vida histórica é uma parte da vida em geral. Isto é o que é dado na experiência e na compreensão. A vida, nesse sentido, estende-se, portanto, a todo o âmbito do espírito objetivo, na medida em que é acessível pela experiência. A vida é agora o fato básico que deve constituir o ponto de partida da filosofia. É o que se conhece de dentro, é o que não pode voltar atrás. A vida não pode ser trazida perante o tribunal da razão. (1927/GS VII, p. 261; 2010, p. 261)

Esta afirmação parece contradizer a principal imagem que se configurou na história da filosofia recente, pois ao nome de Dilthey está associada a distinção estrita entre ciências da natureza e ciências humanas. Todavia, faz-se necessário perceber que esta distinção Dilthey a fundamentava em termos metodológicos, historicistas e hermenêuticos, com base na tese ontológica da unidade da natureza. Com efeito, a obra de Dilthey se enquadra no contexto do cientificismo naturalista do final do século XIX em que se recusava francamente a tradição metafísica e o idealismo em filosofia (DILTHEY, 1990/GS I, *Vorrede*). Por conseguinte, a distinção que marca as ciências humanas se dá no plano conceitual e epistemológico. Propriamente, a distinção entre ciências naturais e ciências humanas estabelece-se a partir de uma restrição epistêmica em relação à aplicação do conceito de causalidade no contexto de fundamentação da ciência da história e também da Psicologia e da Sociologia. No lugar das relações necessárias de causa e efeito, Dilthey entende que os acontecimentos históricos são explanados por meio de relações de “*agência e patência, de ação e reação*” (2010, p. 175). Estes conceitos se predicam de agentes e não de objetos. Agentes esses cuja ação é orientada por significados, valores e propósitos, no contexto de ações recíprocas (2010, p. 217).

Se na proposta inicial o fundamento das ciências humanas radicava na experiência interna (*innere Erfahrung*), percepção interna (*innere Wahrnehmung*) nos fatos da consciência (*Tatsachen des Bewusstseins*) (DILTHEY, 1982, pp. 82, 99), o que exigiria uma metodologia de descrição dos estados internos e das representações mentais, o percurso teórico de Dilthey irá a cada fase explicitar a base externa, regido pelo conceito de vida agente (*handelte Leben*), do objeto das ciências humanas enquanto ser social e histórico, ao ponto de ele recusar explicitamente a validade do método da introspecção e afirmar o preceito metodológico da descrição das concreções externas das ações, decisões e criações humanas (2010, pp. 29-30, 217, 249; 1982, pp. 344, 349, 346-7).

No último período de seu esforço teórico sobre a delimitação e a fundamentação das ciências humanas, Dilthey restabelece a distinção com as ciências naturais articulando os conceitos de “objetivação da vida” e de “manifestação do espírito”, delimitados como “*tudo aquilo em que o homem, por sua atuação, imprimiu a sua marca*”, e o âmbito das ciências da natureza como abarcando “*a realidade produzida independentemente da atuação do espírito*” (DILTHEY, 2010, p. 112). Nessa distinção, Dilthey retoma a equação de August Boeckh pela qual a compreensão é sempre já um reconhecimento (*Erkenntnis des Erkannten*), na fórmula “somente aquilo que o espírito criou ele entende” (DILTHEY, 2010, p. 112; RODI, 1990, p. 7). A outra marca do objeto das ciências humanas é a historicidade enquanto este termo indica algo feito ou produzido pela atuação do humano: “*Desde a distribuição das árvores em um parque, a disposição das casas em uma rua, o instrumento apropriado do artesão, até a sentença condenatória no tribunal, temos a todo instante à nossa volta algo que veio a ser historicamente*” (DILTHEY, 2010, p. 111). A existência humana transcorre e é constituída no tempo, “vida humana” e “existência histórica” são a mesma realidade. Este aspecto determina uma outra diferenciação decisiva, qual seja, a unidade das ciências naturais e a multiplicidade ou pluralidade do objeto das ciências humanas: “*Todo dado é aqui produzido, ou seja, histórico; ele é compreendido, isto é, ele contém algo comum em si; ele é conhecido porque é compreendido, e ele contém um agrupamento do múltiplo em si, uma vez que a interpretação da manifestação da vida na compreensão mais elevada*

já se baseia em um agrupamento” (DILTHEY, 2010, p. 111). Deste modo, o inteiro domínio das ciências humanas e das humanidades fica metodologicamente dependente de processos interpretativos e compreensivos, seja pela multiplicidade ineliminável seja pela individualidade incontornável tanto dos dados quanto dos resultados.

A CONDIÇÃO E A EXISTÊNCIA HISTÓRICA

A posição filosófica de Dilthey é uma consequência dos estudos históricos e métodos comparativos predominantes no século XIX. A motivação principal era a de estabelecer uma compreensão sistemática da condição humana a partir de sua realidade histórica plural, recusando rigorosamente todo e qualquer elemento ideal ou metafísico, mas evitando também o reducionismo materialista. A tensão principal que motiva Dilthey emerge da contraposição às filosofias idealistas da matriz hegeliana e às filosofias transcendentalistas kantianas, mas também em relação ao positivismo materialista e mecanicista. O ponto decisivo da abordagem diltheyana está no reconhecimento da pluralidade e da diversidade humana que se manifesta na história:

[...] a história é a multiplicidade em desenvolvimento das formas humanas de vida, diversidade que radica na força genética da natureza humana e que entra na existência por ação das diferentes condições geográficas, climáticas e sociais da vida. ... à variabilidade das formas humanas de existência corresponde a multiplicidade dos modos de pensar. (DILTHEY, 1992, p. 18)

Nas últimas obras, após ter aderido a explicações idealizadas sob influência de Husserl, as considerações sociológicas e pragmáticas se sobrepõem à consideração psicologizante das primeiras obras. Com efeito, se nas primeiras obras, sobretudo *Introdução às Ciências do Espírito* (1883) e *Ideias para uma Psicologia Analítica e Descritiva* (1894), a Psicologia era o fundamento das ciências humanas, sobretudo pela distinção metodológica entre experiência interior e experiência exterior, com o primado da primeira sobre a segunda, já nas últimas obras, *Aufbau* (1910) e *Weltanschauungen* (1911), Dilthey estabelece uma abordagem a partir dos conceitos de espírito

objetivado ou exteriorizado e dos conceitos de ação, vivência, compreensão e revivência, pelos quais se articulam conexões de reciprocidade entre interior e exterior, o que significa formular os fundamentos do conhecimento na continuidade e na reciprocidade estrutural “entre a experiência vivida própria e a experiência do estranho” (*Strukturgleichheit von eigenem und fremdem Erleben*), ou seja, na suposição de uma “congruência entre a estrutura subjetiva e objetiva” (*die Kongruenz der subjektiven und der objektiven Struktur*) (ZÖCKLER, 1975, pp. 66-70). Este novo modelo teórico conformava uma tentativa de renovação epistemológica, pensada a partir do conceito de conexão estrutural no plano exterior sociológico e prático da existência, o qual contrabalança as pressuposições psicologizantes iniciais.

Com efeito, o projeto teórico que preside os últimos escritos de Dilthey está inteiramente centrado no abandono de estruturas ideais e transcendentais, mas também agora sobretudo pela relativização do método de introspecção ou análise das vivências em seu sentido psicológico estrito. Os conceitos ou categorias pertencem à vida concreta e não à subjetividade, seja transcendental seja psíquica: todos os conceitos, utilizados na nova fundação proposta por Dilthey, são conceitos vitais implicados na própria vida (“*im Leben enthaltene Lebensbegriffe*” (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 239). História, Artes e também as ciências, embora voltadas para o conhecimento dos fatos e para a realidade, têm como motivação e propósito a autocompreensão e a instauração de sentido enquanto esforço vital-existencial. A filosofia mesma é pensada como a síntese desse esforço de autocompreensão no plano do sentido, ou seja, como “*Selbstbesinnung*” ou “*Besinnung des Menschen über sich selbst*”, enquanto o objetivo mais extremo (*das fernere Ziel*) da compreensão (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 83) do mundo e de si mesmo. Se, por um lado, esta autocompreensão e autodoação de sentido não são uma autodeterminação no plano da razão, como supunham os idealistas, por outro, também não são o mero reconhecimento e aceitação das determinações causais e contingências da natureza, mas nem por isso são estruturações e direcionamentos psicológicos internos fixos. O domínio do espiritual (*Geistige*) é o domínio do histórico, ou seja, dos feitos e dos efeitos das ações, das escolhas, da liberdade em meio às constrictões do tempo e do espaço concretos da vida sociobiológica e cultural que perfazem a variedade

da condição humana: “Onde quer que a vida existiu e chegou à compreensão, há história. E onde há história, há sentido na sua multiplicidade” (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 255; 2010, p. 253). Por isso, o conceito de congruência estrutural anímica parte da multiplicidade (*Mannigfaltigkeit*) do dar-se do humano e não implica uma identidade, mas apenas a congruência, pois a cada vez essa estruturalidade precisa se realizar em contextos diferenciados, o que desencadeia cursos de desenvolvimento e de concreção diversos. Os conceitos hermenêuticos de “Vivência”, de “Experiência”, de “Interpretação” e de “Compreensão” têm, por isso, neles implicados a suposição dessa realidade diferencial múltipla que constitui a realidade da condição humana efetiva, realidade esta para a qual os conceitos de conexão estrutural, de sentido e de espírito objetivo são configurados.

Dilthey parte do fato da plural diversidade do humano e permanece fiel a este fato, sem jamais introduzir conceitos unificadores ou redutores. O seu ponto de partida e de chegada, que estranha aos modernos e também aos seus contemporâneos, está na suposição de que a vida e a existência se transformam sempre segundo vertentes diversificantes (DILTHEY, 1992, pp. 76, 102-3-4, 107, 118, 134), para os quais apenas se podem estabelecer similaridades. Dilthey foi talvez o único grande pensador que não recuou diante da multiplicidade e da variedade, aceitando-a e incluindo-a na sua filosofia como um postulado primário, da qual se conclui pela “*relatividade de toda forma de vida histórica*” e pela negação da “*validade absoluta de qualquer forma singular de vida, de constituição, religião ou filosofia*” (DILTHEY, 1992, p. 110). Em grande medida, as filosofias típicas do século XX buscarão desesperadamente uma saída para semelhante conclusão. A lógica e a matemática formal (Carnap), a gramática universal (Husserl, Chomsky), a linguagem (Wittgenstein, Gadamer), o ser (Heidegger) e a matéria (Fisicalismo), as condições pragmático-transcendentais da conversação e da comunicação (Apel, Habermas), a estrutura das estruturas (Puntel), etc. etc. serão convertidas em “fundamentos universais” com vistas a fornecer um suporte único capaz de eliminar a relatividade e a multiplicidade descontroladas que parecem afetar a própria cientificidade das ciências humanas. A suposição comum a essas tentativas de superação da multiplicidade e da variedade do humano está na crença de que a diversidade e a pluralidade precisam ser eli-

minadas. Para Dilthey, isso também precisa ser enfrentado, mas de modo algum eliminado. A sua solução era pensar que as ciências humanas precisavam apenas estabelecer e descrever padrões ou “*tipos, linhas de desenvolvimento e regras de transformações*” (DILTHEY, 1992, p. 119). Mas, para ele, essas regularidades não estancam as transformações: “*toda a fixação é apenas provisória*” (p. 120), o que indica sua fidelidade ao fundo evolutivo-histórico da condição humana.

A conclusão é direta: “*A religião e a filosofia buscam firmeza, força atuante, dominação, validade universal. Mas, a humanidade não avançou um passo sequer por este caminho*” (DILTHEY, 1992, p. 120). O próprio Dilthey, embora admitisse o fato da diversidade e da multiplicidade, buscou uma saída nos conceitos de vida, conexão estrutural e de natureza humana, o que o leva a se contradizer. A questão é que ele assume que a “*vida proporciona deste modo a si, a partir de cada indivíduo, o seu próprio mundo*” (DILTHEY, 1992, p. 112) e na mesma página afirma: “*assim como a natureza humana é sempre a mesma, também os rasgos fundamentais da experiência da vida são a todos comuns*”. No entanto, ainda assim, a sua conclusão é que o fundamento da diversificação e da pluralidade é a própria história e, em última instância, a própria vida, cuja categoria básica é a de agente ativo, e não a de objeto passivo. Por isso, o que resta da reflexão histórico-comparativa é uma “*multiplicidade de sistemas*” (p. 135) que se deixa comparar em termos de tipos, mas não se deixa fixar definitivamente. A história é múltipla e diversificante, assim como sua base, a vida. Esta conclusão estabeleceu a diretriz principal do pensamento filosófico do século XX e está na base do pós-modernismo, do relativismo cultural e do multiculturalismo, e hoje do pluralismo epistemológico e antropológico.

O ponto decisivo na teoria de Dilthey é a tese “*a estrutura é tudo*” (1982/GS XIX, p. 446). Por “*estrutura*”, porém, Dilthey entendia um conceito descritivo, não-substancial, capaz de apreender tanto a dinâmica interna quanto a diferenciação de uma entidade ao longo de seu processo transformacional, tal como esse conceito era utilizado na biologia do século XIX. Este conceito permite ao filósofo e historiador conciliar o psicologismo com o objetivismo necessário às ciências. O *princípio fenomenológico*, segundo o qual tudo é dado na experiência interna, pois a própria experiência externa

apresenta-se somente como conexão de fatos da própria consciência, princípio esse que implicaria conceber o mundo como representação, como mera representação, recebe uma delimitação e contrabalanço pelo *princípio da experiência concreta*, fundado na categoria de vivência (*Erlebnis*) ou experiência (*Erfahrung*), oposta e complementar à categoria de representação (*Vorstellung*). Segundo este segundo princípio, os fatos da consciência são dados enquanto partes na “*totalidade da vida psíquica*” (DILTHEY, 1982/GS XIX, p. 75), totalidade esta que consiste na articulação de um interno com um externo; desse modo, as representações internas perdem sua absolutidade, pois são inseparáveis das relações e constrições externas: “*a relação verdadeira da unidade psicofísica com o mundo exterior*” (Idem, p. 101), pois “*se nós esboçamos o modelo mais simples dessa articulação da vida psíquica nós temos que isolar uma impressão que inclui um sentimento e, por outro lado, um movimento que, na base desse sentimento, refere-se à impressão*” (p. 104). A vida humana será pensada como “*esta interação constante entre o eu e o meio em que nós respiramos, sofremos e agimos: esta é nossa vida*” (1957/GS V, p. 95). Se o conceito de estrutura interna parecia apontar para o psicologismo idealista, os conceitos de vivência e de totalidade da vida psíquica indicam um posicionamento histórico-externalista incontornável. Com efeito, nesse ponto, ele se colocou ao lado daqueles que recusavam a teoria da abstração generalizante como base da filosofia e da formação de conceitos. Embora seja um fato que aquele que estuda a história e a sociedade esteja confrontado com entidades abstratas, como a arte, a ciência, o Estado, as regras, doutrinas e teorias, isto não é a realidade, mas sim “*uma névoa acumulada que impede o olhar (Blick) de alcançar o real (zum Wirklichen)*”, do mesmo modo, continua Dilthey, que “*as formas substanciais, os espíritos e as essências celestes se colocaram entre o olho (dem Auge) do pesquisador e as leis que regem os átomos e as moléculas*”, agora essas abstrações e formações ideais ofuscam “*a realidade (Wirklichkeit) da vida histórica e social, a ação recíproca da psicofísica, as unidades vivas submetidas às condições da natureza como um todo e sua organização genealógica natural*”, cabendo então ao filósofo “*ensinar a ver essa realidade (diese Wirklichkeit sehen lehren) e dissipar essa névoa e esses fantasmas.*” (DILTHEY, 1990/GS I, p. 42.)

A CONEXÃO DE EFEITOS HISTÓRICO-PSÍQUICA

O modelo teórico de Dilthey, não obstante ter uma orientação hermenêutica e historicista, permanece vinculado ao empirismo e ao psicologismo porquanto estabelece como base da operação de conhecimento os dados da sensibilidade e a direcionalidade psíquica adquirida. Com efeito, para ele “compreensão” é o “*processo no qual, a partir de exteriorizações sensíveis dadas a vida mental chega ao conhecimento*” (DILTHEY, 1957, p. 332). Nessa formulação, apenas a palavra “compreensão” sugere algo das teorias hermenêuticas; mas, poucas páginas antes Dilthey havia descrito em termos mais precisos, ao dizer que “*compreensão*” nomeia “*o processo em que reconhecemos algo psíquico a partir de signos dados pelos sentidos, dos quais eles são uma expressão.*” (Idem, p. 318). O inteiro processo é uma relação triádica na qual uma interioridade, vida mental ou espírito, se configura e exterioriza em atos e feitos, e esta exteriorização é apreendida por outra interioridade. Compreensão (*Verstehen*), desse modo, é uma forma de reconhecimento que se diferencia em relação à forma de conhecimento da percepção (*Wahrnehmung*) no qual se estabelece uma relação diádica entre uma exterioridade, objeto material ou natural, e uma interioridade ou mente. O conceito de compreensão, enquanto conceito que apreende e sintetiza os conhecimentos humanos acerca de si e do outro, implica a correlação de um objeto (expressão), um agente mental particular (conhecedor) e outro agente mental particular (conhecido). A compreensão é um reconhecimento por um agente daquilo que é conhecido por outro agente cognitivo por meio da apreensão do sentido ou direcionalidade de suas expressões e exteriorizações. Note-se que a própria compreensão filosófica reflexiva (*Besinnung*) se deixa apreender nesse esquema enquanto um redobramento sobre si desse primeiro reconhecimento.

Todavia, o diferencial da forma compreensiva e reflexiva de conhecimento está no fato de que o seu objeto difere dos objetos materiais ou naturais quanto à individualidade e à particularidade. Enquanto os objetos materiais são casos particulares de tipos ou espécies naturais, os objetos psíquicos e sociais são individualidades históricas. Daí o problema metodológico: como trazer ao conhecimento uma individualidade? (DILTHEY,

1957, p. 318). Mais especificamente, retomando o caráter triádico do conceito de compreensão: *“como pode uma consciência formada individualmente... trazer uma individualidade estranha e completamente diferente ao conhecimento objetivo?”* (DILTHEY, 1957, p. 318). A questão diz respeito à própria ideia de conhecimento enquanto consiste na apreensão de algo estranho sem que se pressuponha a intervenção prévia de um universal comum: *“Como uma individualidade pode trazer uma expressão de vida individual estrangeira sensualmente dada a uma compreensão objetiva universalmente válida?”* (DILTHEY, 1957, pp. 333-34). A solução proposta por Dilthey funda-se na tese da similitude e comunhão mental ou espiritual das individualidades humanas: *“A condição a que esta possibilidade está vinculada reside no fato de que em nenhum enunciado individual estranho pode aparecer algo que não esteja também contido na vitalidade perceptiva”* (Idem). Todavia, longe de apelar para uma identidade idealizada ou uma unidade natural, Dilthey reconhece a variedade e a transformatividade das formas de expressão e da existência humana (DILTHEY, 2010, p. 253). A vida humana concreta e histórica é a plenitude da multiplicidade das vivências individuais que nas suas ações recíprocas conformam a história enquanto configuram uma conexão efetiva efêmera (Idem, pp. 254-55). As ciências humanas têm por objeto essa plenitude plural, os seus conceitos apreendem conexões e relações estruturantes e com base nelas estabelecem padrões e tipos que fundamentam as generalizações. Trata-se de *“conexão de efeitos (Wirkungszusammenhang)”* (Idem, p. 255), portanto, no plano da efetividade e não no plano das razões e ideias. Em todo âmbito do humano, seja na vida psíquica, na história, nas culturas e nas instituições, embora tudo seja fundado em conexões de efeitos, *“tudo se encontra em uma transformação constante e essas transformações são algo conquistado com suor por algo que atua, seja que essa relação tenha lugar em um indivíduo em função de sua estrutura, seja em estados de fato compostos”* (2010, p. 255). Que esta conexão seja capturável em termos de finalidades e intencionalidades não elimina o fato de ser uma forma de atuação transformadora: *“o fato de uma conexão de efeitos poder ter o caráter de uma teleologia imanente não altera quanto a isso, pois essa teleologia é apenas uma forma de atuação”* (DILTHEY, 2010, pp. 255-56).

As conexões de efeito que constituem o mundo humano têm sua especificidade por serem conexões de sentido (*Bedeutungszusammenhang*) (DILTHEY, 2010, p. 257) pelas quais as pessoas se orientam, pensam e agem nas situações concretas da vida. A tese metodológica última de Dilthey é este externalismo particularista: “*tudo aquilo que é dado é efetivamente singular, quer ele seja orgânico, inorgânico ou espiritual*” (2010, p. 256). A própria apreensão científica, no plano do pensamento e da reflexão, é também uma apreensão particular e relacional que não salta para o universal, pois também ali opera uma conexão de efeitos historicamente localizada. O que é apreendido pelo cientista, pelo psicólogo, sociólogo ou historiador, são as conexões efetivas significativas para os indivíduos singulares (2010, p. 257), efetividade esta que “... *não é mais avaliada, mas é reconhecida como realidade. Como essa realidade, porém, ela constitui a significância, o interesse do singular, a conexão de momentos significativos entre si, em suma, a articulação no transcurso temporal*” (Idem). Obviamente, as ciências humanas não permanecem nesse momento descritivo das singularidades, pois operam sempre já no plano das generalizações, das descrições de tipos e de regularidades. Todavia, de um ponto de vista reflexivo filosófico, tais generalizações são abstrações, por sobre a realidade efetiva das vidas agentes singulares, que não escapam dos liames temporais e históricos de uma consciência ela mesma entrelaçada nos efeitos de uma cadeia de efeitos particular temporal e espacialmente localizada.

Na base da vida histórica-psíquica, da vida humana pensada como realidade vivida, está a conexão de sentido pela qual todos os aspectos desta vida histórica-psíquica está perpassada de sentido. Com efeito, Dilthey funda as ciências humanas na categoria do sentido (*Bedeutung*), a qual não se deixa apreender como mero significado linguístico, mas antes indica “*o sentido muito mais profundo da manifestação da vida*” (*Sinn von Lebensäusserung*) (1927/GS VII, p. 234; 2010, p. 226). O sentido é o que é apreendido na e pela compreensão, seja um momento da vida psíquica seja um evento externo, “*interpreta-se*”, “*busca-se uma conexão que não consista na mera relação entre causas e efeitos, conexão esta que é apreendida com os conceitos de desenvolvimento, configuração, valor, finalidade, sentido e significado*” (2010, pp. 222-227). A categoria do sentido é a base e designa a

relação entre as partes da vida e o todo da existência de um agente, uma relação que está fundada na essência da vida, ao apreender a “conexão” e o “apontar para” (*hindeuten*) de todo e qualquer componente (2010, p. 226; 1927/GS VII, p. 235). Na vida vivida, esta conexão se dá na forma de memórias, nas quais os momentos atuais se conectam com os momentos já vividos e aos momentos por vir, pois é pela memória e pela projeção que o significado se constitui como a forma de apreensão da vida. O passado é significativo, tem sentido, justamente “*na medida em que nele se realiza um vínculo com o futuro por meio da ação ou por meio de um acontecimento exterior*”, seja por ser o lugar onde foi concebido um plano de uma condução futura da vida, seja porque um plano foi realizado agora, seja porque é parte de uma vida que a ação atual está realizando etc. De qualquer modo, “*o momento particular possui significado por meio de sua conexão com o todo, por meio da ligação entre passado e futuro, entre a existência particular e a humanidade*” (2010, p. 223-4; 1927/GS VII, p. 233).

Decisivo para a compreensão da teoria de Dilthey é perceber que os conceitos de sentido, significado, direcionalidade e configuração, apreendem sempre conexões efetivas (*Wirkungszusammenhang*) e não relações abstratas ou formas ideais. As diferentes formações exibidas nas religiões, nas artes, nas ciências e filosofias, são estruturações relacionais e contextuais, jamais “*constituindo uma conexão explicável a partir de si própria*” (DILTHEY, 1992, p. 49). Assim, se quisermos compreender as doutrinas, imagens, práticas e transformações do cristianismo primitivo, por exemplo, precisamos explicitar a “*vida econômica, os costumes, a arte, a literatura e as ciências*” (1992, p. 49) que conformavam a vida e o pensamento das comunidades nas quais se formou essa forma de religiosidade. A clivagem fundante da abordagem diltheyana está nos componentes histórico-hermenêuticos que entrelaçam a universalidade, o genérico e o comum, à factualidade e à singularidade, pois as conexões efetivas não possuem um caráter puramente universal-ideal. Dilthey é claro nesse ponto: nas ciências humanas sempre se trata de um particular universalizado ou de um universal particularizado, como também são as línguas naturais enquanto meio universal de comunicação, o que implica dizer que a universalidade apenas têm lugar no plano da intersubjetividade de expressões e compreensões comuns

de uma comunidade agentes em ações recíprocas. A compreensibilidade está fundada na comunalidade: “o indivíduo vivencia, pensa e age sempre em uma esfera de comunalidade e somente em uma tal esfera ele compreende” (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 146-147).

Nesse ponto, todavia, torna-se patente o problema da posição filosófica de Dilthey, a qual busca uma fundamentação para as ciências humanas, mas acaba por reconhecer um fundo não-conceitualizável e até irracional na sua base. O filósofo termina por aceitar que “*em toda a compreensão está algo irracional, assim como a própria vida é algo irracional; ela não pode ser representada por nenhuma fórmula de desempenho lógico*” (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 218). Em termos psicológicos e históricos, o conceito de vivência (*Erlebniss*) não é inteiramente conceitualizável. As vivências contêm mais do que relações conscientes (DILTHEY, 1927/GS VII, p. 230). O termo diltheyano é “*fatalidade irracional*”, a contingencialidade que faz sossobrar a subsunção pura dos particulares aos universais abstratos que está na base das leis e axiomas das ciências naturais modernas. Por isso, a posição teórica de Dilthey se encaminha de modo complementar, por um lado, para o reconhecimento da pluralidade irreduzível das cosmovisões e formações humanas, e, por outro, para o reconhecimento e a compreensão das individualidades, culminando na posição de que a finalidade última das ciências humanas seria a compreensão da vida particular, individual e coletiva, na forma da exposição biográfica, ou seja, da exposição da existência singular (*Darstellung des Singularen*). O problema nuclear das ciências humanas, nisso diferindo das ciências da natureza, seria a passagem do conhecimento do fatural objetivo e genérico, no qual coincidem, fazendo-se abstração das diferenças, comum a todos os humanos, para “*o grande problema da individuação*”, pois no campo das ciências humanas “*trata-se de apreender a plenitude da vida individual*” (DILTHEY, 1957, p. 266).

AS BASES HERMENÊUTICAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA FILOSOFIA

O conceito de sentido (*Sinn, Bedeutung*), que Dilthey estabelece como a categoria fundamental para as ciências humanas, tem origem nos es-

tudos históricos e hermenêuticos do século XIX, sobretudo nas acepções presentes nas obras de Schleiermacher e Droysen, como sentido e significado das e nas concreções da existência humana, em oposição às acepções lógicas e idealistas, tal como na mesma época eram operacionalizadas nos contextos neokantianos e logicistas. Dilthey adotou os termos “vivência” (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) em sua filosofia para sinalizar essa acepção histórico-hermenêutica e assim fazer a distinção em relação aos conceitos de base e conteúdos das ciências naturais. Como vimos, o ponto de partida da teorização de Dilthey é a busca pela fundamentação e delimitação das ciências do espírito, ou ciências humanas, no contexto de sua luta pela legitimação frente às ciências experimentais da natureza. Nesse projeto, Dilthey aceita a tese historicista fundamental, em termos ontológicos, de que o “*ser humano é um ser histórico*” (DILTHEY, 2010, p. 303), conjugada com a implicação epistemológica de que “*o homem somente conhece a si mesmo na história, nunca por introspecção*” (DILTHEY, 2010, p. 285-6), tese esta que nos últimos trabalhos é tematizada sob a formulação de que a vida humana é perpassada pela condição histórica naquilo que é a sua marca característica, a vida espiritual, com o conceito de caráter de historicidade da ação espiritual fundada na individualidade.

Em suma, na obra de Dilthey, o que era uma tese metodológica nas ciências da história é universalizado para a totalidade da cultura e da condição humana, com o objetivo de elaborar uma plataforma metodológica de investigação para as ciências do espírito (história, economia, linguística, sociologia, direito, psicologia, filologia, e filosofia), enquanto componente da universidade laica e científica do século XIX, explicitando a diferença e a autonomia dessas ciências em relação às ciências experimentais da natureza (física, química, biologia). Este projeto, por sua vez, está embasado na elaboração de uma ontologia naturalizada compatível com o histórico e com o simbólico-linguístico, por sobre a tese básica de que o humano “*é um ser histórico até as profundezas não mais sondáveis de si mesmo*”. Na consecução desse projeto, Dilthey retoma as teses principais de Schleiermacher e Droysen acerca da compreensão das manifestações e expressões resultantes das ações humanas individuais e coletivas cujo conceito emergente é o de linguagem: “Como a vida espiritual só encontra na linguagem a sua expres-

são plena, completa e, por isso, passível de uma apreensão objetiva, a exegese se consuma na interpretação dos resíduos da existência humana contidos na *escrita*”, o que o leva a concluir que as ciências humanas estão fundadas em operações filológicas e que “a ciência dessa arte é a hermenêutica” (DILTHEY, 2010, p. 200).

A questão levantada por Dilthey supõe que os objetos das ciências humanas seriam constituídos pelas exteriorizações e expressões dos indivíduos históricos particulares, enquanto dotadas de sentido, na sua concretude, e ele pergunta então pela validação científica em termos de como a compreensão desses objetos particulares poderia pretender uma validade universal. Nas suas obras iniciais, Dilthey adotara um modelo psicológico, no sentido de que esta compreensão seria uma forma de apreensão de algo psíquico, as vivências e as cogitações do agente ou do autor, por meio da interpretação de uma exteriorização na forma de um sinal ou expressão que poderia ser apreendido pela sensibilidade. O procedimento estava baseado na suposição de uma analogia, pela qual apreendemos a experiência do outro e sua expressão por similaridade com nossas próprias experiências e suas expressões. Nisso se mostrava o entendimento e a recepção das teorias da compreensão hermenêuticas do século XIX, enquanto estas supunham uma comunidade empática entre todos os humanos, o que habilitaria o intérprete, ou o historiador, a reconstruir a experiência interior que deu origem à expressão ou à ação. O método da interpretação psicológica permitia às ciências humanas “*unificare* o seu procedimento metodológico” (RÖMER, 2016, p. 87) e concomitantemente distinguem-se em relação às ciências da natureza. Pois, ele abria o âmbito do vivido e do sentido, para além do âmbito do percebido, ou seja, o âmbito dos sentidos e significados humanos para além dos fatos e eventos da naturais. O âmbito do vivido e do sentido, repara criticamente Dilthey, apenas surge “na medida em que estados humanos são vivenciados, em que esses estados ganham expressão em manifestações vitais e essas expressões são compreendidas” (DILTHEY, 2010, p. 28). Embora o conceito de vivência esteja vinculado diretamente ao psiquismo individual, o que implicaria um problema para a compreensão por outrem, Dilthey contrapõe a esse fato um procedimento objetivo, equivalente no modelo hermenêutico de Schleiermacher à interpretação gramatical, reformu-

lando-o nos termos da noção hegeliana de espírito objetivo e da noção de exteriorização proposto por Droysen. Com efeito, para que se alcance objetividade na fixação e na descrição do vivido e do sentido, enquanto objeto de conhecimento, se faz necessário delimitar o alcance da introspecção e da consciência de si: “somente as suas ações, as suas manifestações sobre os outros, ensinam o homem sobre si mesmo; assim, ele passa a conhecer a si mesmo apenas por meio do desvio do compreender” (DILTHEY, 2010, p. 29), desvio esse que consiste na análise e na descrição acurada das ações e dos efeitos dessas ações no mundo concreto e material.

A tese final de Dilthey é que o humano e seus feitos, enquanto objeto das ciências, emerge sob duas perspectivas bem marcadas. Primeiro, o humano encontra-se determinado pela natureza (DILTHEY, 2010, p23) e é assim objeto das ciências naturais explicativas. A natureza inclui também os processos psíquicos, os quais se revelam como entrelaçados com os processos físicos e materiais. O conhecimento da natureza está baseado na extensão espacial enquanto lugar de todas as regularidades e uniformidades. O ser humano aprendeu a lidar com essas uniformidades, e assim se apoderou deste mundo físico por meio do estudo de suas leis e “*pela apreensão abstrata dessas leis segundo as relações de espaço, tempo, massa e movimento*” (DILTHEY, 2010, p. 23). Segundo, o ser humano apreende-se no âmbito de sentido e de normas, objeto das ciências humanas. Pois, com base no conhecimento da natureza, os humanos voltam-se em seguida para si mesmos. E é neste retorno que o humano encontra a diferença, pois é apenas aí que se faz o contraste entre o dar-se da natureza e a vivência “por meio da qual a natureza está presente para ele” e a própria vivência do “interior da vida na qual há, exclusivamente significação, valor e finalidade (DILTHEY, 2010, p24).

Essas duas perspectivas, o *voltar-se para si mesmo* e o *voltar-se para a natureza* configuram os dois centros em torno dos quais o trabalho científico gira e se unifica. Todas as ciências se caracterizam pela construção de objetos a partir de “leis de estados de fato” e quanto a isso não há diferença entre as ciências humanas e as naturais. A diferença está no modo como o objeto é formado e no interesse ou tendência que a motiva, portanto, no procedimento que constitui esses grupos. No primeiro caso, “um objeto espiritual surge no compreender (*Verstehen*); no segundo, o objeto físico no

conhecer (*Erkennen*)” (DILTHEY, 2010, p. 27). Desse modo, o inteiro domínio das ciências humanas está fundado nesta conexão entre vivência, expressão e compreensão. Esta conexão triádica seria a marca que permitiria a delimitação: “uma ciência só pertence às ciências humanas se o seu objeto nos é acessível por meio do comportamento que está fundado na conexão entre vida, expressão e compreensão” (DILTHEY, 2010, p. 29). Esta posição é resumida no mote de Dilthey: “*A natureza nós explicamos, a vida anímica nós compreendemos*” [*Die Natur erklären wir, das Seelenleben verstehen wir.*] A distinção entre explicar e conhecer os dados e fatos naturais, e interpretar e compreender os dados e fatos culturais, embora tenha sido objeto de inúmeras críticas, continua ainda hoje vigente e associada à ideia de uma abordagem hermenêutica. No entanto, o próprio Dilthey em suas exposições percebia isto mais como um problema do que como uma solução, pois para ele o problema da fundamentação e da legitimação das ciências humanas, interpretativas e compreensivas, precisava adquirir o mesmo grau de evidência e validação supostamente alcançado pelas ciências experimentais. A mobilização dos conceitos hermenêuticos tinha como propósito justamente estabelecer a possibilidade de um conhecimento sobre as conexões de efeitos que perfazem o mundo psíquico-histórico, ao fixar a distinção em relação aos processos naturais e indicar as formas lógicas da compreensão.

A solução para esta demanda por universalidade objetiva, característica da ciência, Dilthey a encontra na teoria dos tipos e no conceito de espírito objetivado. Por um lado, o espírito objetivo constituiria um âmbito objetivo comum com caráter de realidade para uma determinada comunidade. Não apenas a língua e seus produtos, mas todas as formações culturais, como leis, edifícios, técnicas e costumes estabelecem um meio vital no contexto do qual as experiências, expressões e ações particulares podem ser significativas e compreendidas. Para se apreender esta conexão é preciso extrapolar as análises dos nexos internos da vida psíquica em direção ao contexto histórico e social. Nos seus últimos textos publicados, Dilthey torna explícita esta dimensão externa das conexões de sentido que estão na base da vida humana, seja por recorrer a elementos formais, como leis e instituições, seja por recorrer a externalidades sociais e históricas. Por um lado, o que é expresso numa obra de arte não se esgota nos processos e estados in-

ternos do artista, pois o que nela se expressa é a conexão e a configuração estabelecida pela obra, conexão e configuração que são separáveis, pois pertencem à estrutura especial que conecta um assunto, um clima poético, um enredo, um motivo e os meios de apresentação (DILTHEY, 1927/GS III, pp. 107, 228). Por outro, o mundo externo, material, o mundo das ações e interações sociais, é constitutivo do mundo e dos conteúdos da consciência individual, de modo que “não é por meio de introspecção que apreendemos a natureza humana” (2010, p. 243), ou seja, “o homem só se conhece na história, nunca por meio de uma introspecção” (2010, p. 286). Contudo, a conclusão principal de Dilthey é unívoca: “a diversidade dos pontos de vistas de valor, significação e meta persiste aqui” (2010, 247) Onde quer que a vida tenha passado e tenha ganho a compreensão, há história, e onde há história, a significação se faz presente em sua multiplicidade (2010, p. 253).

A ciência desses fenômenos que constituem o que é abarcado pelo conceito de espírito objetivo, contudo, exige um passo a mais do que a descrição psicológica e individual, pois assim se permaneceria no campo dos fatos particulares subjetivos. O conceito de tipo permite a passagem do particular ao universal e para as generalizações e normatizações (DILTHEY, 2010, p. 203). Com esse conceito de tipo, Dilthey concebe a possibilidade de uma ciência com caráter universal mesmo para o âmbito do humano que não pode ser explicado em termos de leis genéricas e da determinação causal. A proposta consiste em fazer derivar a partir da análise dos casos particulares, o modo típico como as conexões e estruturações se perfazem, de tal maneira que se chegue a uma “formação estrutural” (DILTHEY, 2010, p. 204) que permitiria a compreensão de outros casos análogos. Os conceitos de tipo e de conexão estrutural, todavia, não garantem uma generalidade apodítica, pois em última instância, “não pode ser estabelecida nenhuma regra geral” capaz de abarcar as “circunstâncias que são por toda parte diversas” (DILTHEY, 2010, p. 204). Na perspectiva de Dilthey, o conhecimento assim obtido restaria fundado na indução, no exato sentido de que os resultados obtidos no processo de compreensão dos fatos humanos particulares não resultam em leis genéricas universais, mas somente “se deriva desses casos uma estrutura, um sistema ordenado que reúne os casos como partes em relação a um todo” (DILTHEY, 2010, p. 204).

A ESTRUTURA HERMENÊUTICA DA COMPREENSÃO

A hermenêutica indica um procedimento metódico para o conhecimento do singular histórico irrepetível, para o qual não há regras genéricas prévias, mas também para o conhecimento daquilo que ao se realizar se diferencia de modo individualizante, portanto, daquilo que embora seja típico e genérico, a realização e a atualização se faz por meio de concretização singularizada e individuada. O conhecimento dos casos concretos, sempre individuais e únicos, sendo assim, implica a apreensão do caso singular que não é dedutível do tipo e do genérico. Trata-se então de apreender o fazer-se do sentido em sua materialidade singular, sentido da ação e da expressão de um agente, e não determinidades de um objeto. Embora haja leis e determinações genéricas, o vir-a-ser e o existir de uma dada configuração ou formação, como é o caso da vida de uma pessoa, seus atos e obras, mas também como é o caso de uma inteira cultura, suas práticas e obras, ocorre pela atualização por diferenciação de virtualidades e reiteração de formas e hábitos retidos de um passado singular não passível de computação e generalização. O passo metodológico de Schleiermacher, de recusar o conceito de língua e de gramática universal, que subsumiria todas as línguas particulares, e de lidar na compreensão e na tradução apenas com as línguas históricas particulares dadas, está no cerne da epistemologia de Dilthey.

De fato, há uma incompletude e uma indecidibilidade a partir tanto dos fatos genéricos quanto dos fatos particulares, além de um não fechamento, por mais abrangente que seja a circunstanciação, que torna impossível qualquer computabilidade prévia. Apenas *post facto* e ainda assim de modo sempre precário é que se pode fazer uma reconstrução racional do ocorrido e do conformado. Quando nos perguntamos pelo sentido de uma ação ou obra, essa incomputabilidade e incompletude emerge como um fator decisivo, seja para o intérprete seja para o próprio autor. O sentido implica a incomputabilidade e a incompletude, pois para o autor mesmo a efetivação de um sentido, intencionado e premeditado, também se dá por um processo de instanciação que sempre é vário e imprevisível de antemão. O sentido sempre é multi-instanciável e toda instância significativa sempre pode ser apreendida como tendo múltiplos sentidos. Se um autor escreve um livro

para interpretar o sentido de uma obra cultural, há uma indeterminação quanto aos modos de se fazer isso: não há como computar essas possibilidades a partir do exame ou leitura objetiva da obra; e uma vez escrito o livro, a sua leitura como tendo um sentido ou outro, e os significados que implicará, pode ir numa direção imprevista ou então até mesmo fracassar.

O procedimento de interpretação em Schleiermacher estava inteiramente orientado para se alcançar uma compreensão, enquanto apreensão de sentido e de significado, a partir da suposição de que o que era objeto de interpretação era um produto da espontaneidade livre individual constrangido por formações prévias objetivas, como a gramática de uma língua e os modos e materiais de construção; por conseguinte, na sua base não havia uma regra geral ou um conceito presidindo ambos os processos, o geracional e o interpretativo. Em Dilthey, embora esse procedimento seja aceito, realiza-se a tentativa de objetivar o inteiro procedimento interpretativo nos termos de uma epistemologia naturalizada e cientificizada. Os procedimentos descritivos das individualidades, comparativos e indutivos estão na base. Mas, no lugar da analogia e da intuição adivinhatória introduzem-se os métodos de análise e descrição sociológica e psicológica baseados na construção de tipos e conexões estruturantes. Uma vez alcançado o tipo, a partir da comparação e indução por sobre as individualidades, então são introduzidas regras genéricas que valem para o tipo e suas conexões com outros tipos. A passagem de volta, do tipo para os casos singulares, todavia, continuou sendo o problema central, pois ainda se trata de compreender a individualidade singular na sua individualidade e na sua singularidade. Estes aspectos acarretam a impossibilidade de explicações universais, genéricas e causais, para os eventos humanos. O que implicava, para Dilthey, o caráter especificamente hermenêutico das ciências humanas: “*a compreensão e a interpretação são o método que preenche as ciências humanas*” (DILTHEY, 2010, p. 184).

OS SENTIDOS COMO NEXOS EFETIVOS

Todavia, Dilthey expande aplicação do método hermenêutico para além do âmbito dos discursos e dos textos, introduzindo objetos não-linguísticos como passíveis de interpretação e compreensão a partir da catego-

ria de sentido e significado, na busca de integrar sob uma única visada metodológica o inteiro domínio das ciências humanas. Na sua base está o postulado de que esse âmbito é constituído pelas “*exteriorizações da vida*” enquanto estas são “*expressão de algo espiritual*” (DILTHEY, 2010, p. 185). Dilthey subdividiu em três classes tais manifestações. A primeira classe é formada por conceitos, juízos e construções do pensamento, que constituem os componentes da ciência destacados e abstraídos da vivência, e conformados por critérios de adequação à norma lógica, possuindo assim um caráter fundamental geral e comum. Nesse caso, a compreensão está dirigida para o conteúdo do pensamento que é sempre igual em cada conexão, permitindo assim uma compreensibilidade “*mais perfeita do que em relação a toda e qualquer outra manifestação da vida*” (DILTHEY, 2010, p.185). A segunda classe de manifestações da vida é formada pelas ações, enquanto estas não são propriamente dirigidas pelo interesse de comunicação e transmissão de pensamentos. A sua compreensibilidade permite apenas suposições prováveis e contextuais. Nesse caso, no processo de compreensão, importa sobretudo separar a situação da vida psíquica condicionada pelas circunstâncias, que desencadeia a ação como uma sua expressão, “*da própria conexão vital na qual esta situação está fundada*” (DILTHEY, 2010, p. 186). Este aspecto determina um grau menor de compreensibilidade e um desafio maior para uma ciência das ações e práticas humanas. As ações destacam-se em relação ao fundo da conexão vital de uma época. Por isso, “*sem explicitar o modo como as circunstâncias, a finalidade, os meios e a conexão vital se articulam nela, ela não admite nenhuma determinação universal do interior do qual surgiu*” (DILTHEY, 2010, p.186). A terceira classe de manifestações vitais é formada pelas expressões de vivências, e Dilthey indica que estas são os objetos privilegiados da compreensão hermenêutica já não mais baseada no exame psicológico, pois se trata de apreender a relação particular entre a expressão, a vida vivida que é sua base e a compreensão, mas a “*expressão pode conter mais da conexão psíquica do que toda e qualquer introspecção permite reconhecer. Ela a alça das profundezas que a consciência não ilumina*”. (DILTHEY, 2010, p.186).

A conexão entre o vivido, o expresso e o compreendido não é imediata e direta, pois, de uma expressão de vivência, “*a relação entre ela e o ele-*

mento espiritual nela expresso só pode ser colocada com muitas reservas à base da compreensão” (DILTHEY, 2010, p.186). Dilthey circunscreve assim o domínio do artístico, na qual repousavam as significações mais elevadas e que seriam os objetos privilegiados das ciências humanas. O ponto está justamente na saída da esfera do domínio do conhecimento objetivo e dos domínios práticos e técnicos da ação, e no ingresso no domínio das verdades que ultrapassam o conhecimento objetivo. Com efeito, nas grandes obras artísticas emergem conteúdos que ultrapassam a existência subjetiva e também comunitária, ao conformar-se como expressão de uma verdade inefável em sua inteireza: “assim, nos confins entre saber e ação, emerge uma esfera na qual a vida se revela em uma profundidade que não é acessível à observação, à reflexão e à teoria. (DILTHEY, 2010, p.187).

Nessa passagem mostra-se de modo claro o lugar central e a relevância do conceito de vida, como base para as ciências humanas, e sua função de delimitador das pretensões do conhecimento científico e técnico, na filosofia de Dilthey. A vida como um ser que se expressa e se interpreta ininterruptamente. A hermenêutica então deixa de ser apenas o método ou a ciência dos produtos do espírito e é concebida como esse aspecto de auto-expressão e de auto-interpretação da própria vida. A teoria da compreensão de Dilthey permanece vinculada à ideia de comunhão espiritual entre quem compreende e quem é compreendido, comunhão esta que implica a existência de pontos em comum entre diferentes indivíduos e épocas, sobretudo na “forma de pertencimento a um mesmo passado que continua presente e efetivo” (DILTHEY, 2010, p. 189). No estilo de vida, nos hábitos, no sistema jurídico, nas instituições, na religião, na arte, nas ciências e na língua, essa presença efetiva do passado conforma uma “comunhão de ideias e de vida espiritual” e o “compartilhamento de um ideal”, que embasaram a possibilidade da compreensão. Esta compreensão, em última instância, seria uma forma de reconhecimento. A identidade e o ser da humanidade apenas nos são dados em termos de suas possibilidades realizadas ao longo de sua história cujo cerne é a constante transformação e alteração das condições vitais e sociais. A vida humana determina-se a cada vez pelas condições históricas particulares e concretas. Um ser humano apenas existe dentro de uma cultura historicamente específica. Os sentidos e significados da vida humana, as metas e ta-

refas, os valores e objetivos de uma pessoa, sempre estão enraizados na cultura ou mentalidade objetivada. Não há um humano genérico ou universal, para além da espécie biológica, ela mesma mutante. Um humano é definido pela relação entre uma individualidade e um espírito objetivo ou formação cultural que lhe é coetânea (DILTHEY, 2010, p. 217), o que determina a plural variedade da condição humana.

O ponto decisivo para a teorização tardia de Dilthey está no reconhecimento da condição histórica da vida humana em contraste com a existência temporal da natureza, distinção esta que embasaria uma diferença categorial, a saber, entre categorias formais e categorias reais (DILTHEY, 2010, p. 222). As categorias formais, que emergem das operações lógicas básicas, tais como unidade, pluralidade, identidade, diferença, grau e relação, seriam comuns às ciências naturais e às humanas. As categorias materiais, todavia, não seriam as mesmas. Para as ciências humanas, todos os conceitos são remetidos para as categorias de significado, valor, finalidade, desenvolvimento e ideal (DILTHEY, 2010, p. 222). Os conceitos das ciências humanas se diferenciam dos conceitos das ciências naturais já no que diz respeito à temporalidade e à espacialidade. Enquanto nas ciências naturais o tempo e o espaço são formas abstratas e quantitativas, nas ciências humanas esses conceitos possuem conteúdos qualitativos e concretos, sobretudo por sua ligação com a consciência e a memória. A percepção do tempo natural pode ser medida por esquemas abstratos, mas a percepção do tempo humano, a experiência da temporalidade e da historicidade, é um fenômeno perpassado pela memória e pelas vivências (DILTHEY, 2010, p. 219), ou seja, o tempo e o espaço humano se estrutura como um presente vivido no qual recortes de passado já vividos e projeções de futuro por viver se entrelaçam: “o presente é preenchido pelos passados e porta em si o futuro” (p. 223). Este entrelace ou conexão jamais é genérico ou abstrato, mas sim a cada vez, para cada um dos indivíduos, único, concreto e particular. O presente e o aqui nunca é um dado meramente percebido e registrado, pois é sempre já significativo justamente por sua inserção e encadeamento com um passado e um futuro vividos e atuantes. A realidade do presente nunca é apreendida como um objeto neutro, pois ela já aparece com um valor negativo ou positivo, justamente porque essa apreensão já é em vista de um passado com

vistas a um futuro de um agente ativo. As categorias da vida, ou existência humana, emergem dessa apreensão: “como nos projetamos ao futuro, surgem as categorias da finalidade, do ideal, da configuração da vida” (p. 227). A temporalidade é a marca constitutiva da existência histórica, pois atos e eventos ganham significado e valor apenas na conexão estruturante da vida de um agente localizado no tempo e no espaço. A vida é um ser no tempo cuja totalização está sempre fora de sua consciência (DILTHEY, 2010, p. 328). Por conseguinte, se os fatos naturais se deixam enquadrar como fatos espaço-temporais causalmente entrelaçados e direcionados por uma seta unidirecional, este enquadramento, no caso dos fatos humanos, exige ainda a remissão à perspectiva de agentes interagindo em função de direcionamentos culturais, sobretudo capazes de fazer infletir o futuro e o passado no presente estabelecendo conexões ou setas multidirecionais.

DILTHEY EM RETROSPECTIVA

Dilthey reconheceu a condição histórica como um fato incontornável, sobretudo na sua implicação mais deletéria para as pretensões sistemáticas e metafísicas da filosofia, a saber, a “variabilidade das formas humanas de existência” e a correspondente “multiplicidade dos modos de pensar” (1992, p. 18). Nesses cem anos após sua morte surgiram várias tentativas de contornar este fato, mas o caráter histórico-evolutivo e a pluralidade do humano se firmaram como obviedades. De várias formas, as teses de Dilthey foram questionadas e também reafirmadas desde sua morte. Se uma divisão forte entre ciências da natureza e ciências humanas já não se sustenta diante de uma visão naturalizada, o reducionismo estrito também ainda permanece uma via inadequada, pois o conceito de sentido e a própria distinção entre relações causais materiais e relações semântico-artefatuais ainda são operacionais para a apreensão das especificidades humanas (INGSTHORSSON, 2013; BRAIDA, 2022). Nem por isso o problema da fundamentação epistemológica das ciências humanas e das humanidades deixa de perturbar a reflexão meta científica e filosófica. Embora seja a distinção entre explicar objetos materiais e compreender agentes conscientes, base da distinção entre as ciências da natureza e as ciências humanas, a marca mais característica

associada à obra de Dilthey, distinção esta que foi elaborada, reelaborada e mesmo refutada diversas vezes ao longo do século XX, a sua decisão metodológica de abandonar a introspecção e sua base psicológica em favor da exploração empírica e da descrição das efetividades históricas tornou-se o padrão das pesquisas em ciências humanas. Além disso, o crescente reconhecimento da diversidade e da pluralidade das manifestações culturais, que ele afirmou com tanto zelo, e pelo qual sofreu severas críticas, mostra que Dilthey, na sua luta contra os absolutismos, idealistas ou naturalistas, transcendentais ou materiais, lógicos ou psicológicos, tinha lá uma certa razão. As reatualizações dos psicologismos e dos transcendentalismos, dos quais Dilthey se afastou ao afirmar o empirismo e o pragmatismo, na forma de cognitivismos, mentalismos e intencionalismos, sobretudo no que diz respeito às ações, instituições e formações culturais, mostra que uma atitude naturalizada e historicizada ainda faz sentido. Não basta recusar os reducionismos fiscalistas e biologistas, se a distinção entre humano e natureza é posta como um dado natural, seja como a intencionalidade da mente, seja como a autoconsciência ou como estrutura ou essência a-histórica.

Se a individuação e o reconhecimento da diversidade é um problema atual, a sua urgência não se deve mais ao contraste com a homogeneidade genérica da natureza, mas sim ao avanço da unidimensionalização uniformizante da cultura e das práticas sociais do mundo globalizado tecnocientífico. “Nas ciências da natureza, o uniforme constitui a meta principal do conhecimento; no mundo histórico, pelo contrário, trata-se da particularização até chegar ao indivíduo” (DILTHEY, 1957/GS V, p. 228). Se o problema de Dilthey era garantir uma dimensão propriamente humana não apreendida pelo fecho material e causal da natureza mecânica e nomotética, o problema das atuais ciências humanas e humanidades tem mais a ver com as ameaças da dissolução do humano pela técnica cibernética da realidade digital e artificial. Ao longo do século XX, as ciências naturais transformaram completamente a imagem do universo natural, introduzindo a complexidade e a indeterminação e até admitindo “leis sem causas e causas sem lei”; por seu lado, as ciências humanas avançaram nas explicações naturalizadas e pragmáticas da condição humana, sob o escopo geral das teorias biológicas, sobretudo da teoria da evolução. Ainda assim, o problema de Dilthey precisa

ser enfrentado, mas agora o contraste é com a realidade maquínica e cibernética, ou seja, com o domínio do artificial, o qual, embora seja um produto da ação humana, se distingue dele justamente pela anulação do problema do outro e pela elaboração formal que prescinde das individualidades.

Recebido em 30/04/2023

Aprovado em 14/05/2023

REFERÊNCIAS

APEL, K.-O. *Transformação da Filosofia I-II*; trad. P. A. Soethe. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

BOLLNOW, Otto F. *Dilthey: Eine Einführung in seine Philosophie*. Dritte Auflage. W. Kohlhammer Verlag, 1967.

BRAIDA, C. R. *Atos e Artefatos: para além do estético e do semântico*. Guarapuava, Apolodoro, 2022.

CAT, Jordi, "The Unity of Science", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2023 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/scientific-unity/>>.

DILTHEY, Wilhelm. *Gesammelte Schriften*, 26 vols., Stuttgart/Göttingen, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft/Vandenhoeck & Ruprecht, 1914–2006.

DILTHEY, Wilhelm. *Einleitung in die Geisteswissenschaften: Versuch einer Grundlegung für das Studium der Gesellschaft und der Geschichte*. Band I; 9., unveränd. Aufl. Stuttgart, B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1990. (GS I)

DILTHEY, Wilhelm. *Studien zur Geschichte des deutschen Geistes: Leibniz und sein Zeitalter, Friedrich der Grosse und die deutsche Aufklärung, das achtzehnte Jahrhundert und die geschichtliche Welt*. 1927. (GS III)

DILTHEY, Wilhelm. *Die Geistige Welt: Einleitung in die Philosophie des Lebens*. Erste Hälfte. hrgsb. G. Misch, Stuttgart/Göttingen, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft/Vandenhoeck & Ruprecht, 1957. (GS V)

DILTHEY, Wilhelm. *Leben Schleiermachers: Auf Grund des Textes der 1. Auflage von 1870 und der Zusätze aus dem Nachlaß*, ed. M. Redeker. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht.(GS 13/1)

DILTHEY, Wilhelm. *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften*, Leipzig und Berlin, Verlag von B. G. Teubner, 1927. (GS VII)

DILTHEY, Wilhelm. *Grundlegung der Wissenschaften vom Menschen, der Gesellschaft und der Geschichte. Ausarbeitungen und Entwürfe zum zweiten Band der Einleitung in die Geisteswissenschaften* (ca. 1870 – 1895); hrsg. Helmut Johach and Frithjof Rodi. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1982. (GS XIX)

DILTHEY, Wilhelm. *Weltanschauungslehre. Abhandlungen zur Philosophie der Philosophie*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1977. (GS VIII)

DILTHEY, Wilhelm. *Teoria das Concepções do Mundo*; trad. A. Mourão; Lisboa, Edições 70, 1992.

DILTHEY, Wilhelm. *Selected Works*, R.A. Makkreel and F. Rodi (eds.), Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985–2010.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas Ciências Humanas*; trad. M. Casanova; São Paulo, Editora UNESP, 2010.

GEORGE, Theodore, "Hermeneutics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/hermeneutics/>>.

INGTHORSSON, R. D.. The natural vs. The human sciences:: myth, methodology and ontology. *Discus. Filos* [online]. 2013, vol.14, n.22, pp.25-41.

MAKKREEL, Rudolf, "Wilhelm Dilthey", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/dilthey/>>.

NELSON, Eric S. *Interpreting Dilthey: critical essays*; edited by Eric S. Nelson, Hong Kong University of Science and Technology. New York : Cambridge University Press, 2018.

NELSON, Eric S. Disturbing Truth: Art, Finitude, and the Human Sciences in Dilthey. *Theory@Buffalo*, 11 (2007):121-142.

RODI, Frithjof. *Erkenntnis des Erkannten: Zur Hermeneutik des 19. und 20. Jahrhunderts*. Frankfurt. Suhrkamp, 1990.

ZÖCKLER, Cristofer, Dilthey und die Hermeneutik. Diltheys Begründung der Hermeneutik als »Praxiswissenschaft« und die Geschichte ihrer Rezeption, Stuttgart, J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1975.

